

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COTIDIANO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DOS
ATORES SOCIAIS DA E. E. JOÃO ARLINDO DE JESUS -TAIÇOCA DE FORA/
NOSSA SENHORA DO SOCORRO**

SANTOS, Eline Almeida¹
SOUZA, Rosemeri Melo e²

RESUMO

A compreensão das questões ambientais pressupõe um trabalho interdisciplinar, contribuindo para o entendimento dos problemas desde a escala local até a global. Além disso, fornece elementos para a tomada de decisões e intervenções necessárias. Nesse sentido, a escola é um dos espaços em que a Educação Ambiental (EA) pode ser desenvolvida. Porém, torna-se necessário levar em consideração as características locais e as especificidades dos alunos e da própria escola. Assim, o presente artigo tem como objetivo analisar a percepção de alunos e profissionais da Escola Estadual João Arlindo de Jesus, localizada no Povoado Taiçoca de Fora (N. Sr.^a do Socorro) sobre a conservação ambiental. A comunidade está situada numa zona de ecossistemas frágeis (manguezais) e vem sofrendo impactos negativos. A relevância da pesquisa deve-se ao fato de permitir o entendimento do papel que a escola pode desempenhar nos processos educativos referentes à conservação ambiental. Bem como, a importância da sensibilização a respeito da natureza, mantendo o modo de vida da comunidade e possibilitando a participação desta nos projetos desenvolvidos na localidade. O estudo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica, documental e por meio da pesquisa de campo, através da coleta de dados com aplicação de questionários e a realização de entrevistas. A questão ambiental é considerada como fator essencial para a qualidade de vida e sua discussão na escola viabilizará aberturas de novos campos, a reorganização social, a percepção do ambiente em que vive, enfim, um ambiente saudável.

Palavras- chave: Comunidade, Escola, Educação Ambiental, Cotidiano Escolar e Percepção

¹ Licenciada e Graduada em Geografia Bacharelado, Pós-graduanda em Ed. Ambiental – Universidade Federal de Sergipe -UFS, e-mail: elinegeo@hotmail.com.

² Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe (UFS) onde orienta pesquisas de mestrado e de doutorado nos Programas de Pós-graduação em Geografia (NPGeo) e no mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA). Lidera o grupo de pesquisa em Geocologia e Planejamento Territorial (Geoplan) do CNPQ, e-mail: rosemeri.melo@pq.cnpq.br.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea está marcada por conflitos, sendo que a questão ambiental tem gerado muitos debates, revelando a possibilidade de o próprio ser humano está ameaçado de extinção. De fato, a questão ambiental apresenta o retrato de uma crise que aponta o desgaste de um modelo de sociedade em que está incutida uma visão utilitarista da natureza, de modo, a existir sua especulação e o seu consumo demasiado.

O domínio da natureza tornou-se para o Ocidente o motor do desenvolvimento tecnológico e econômico. Esse desejo de dominá-la surgiu a partir do momento em que o homem procurou saciar a sua curiosidade intelectual. Isso ocorreu quando o homem superou o “pensamento mágico” por meio de explicações que se dedicavam a apreender a racionalidade intrínseca aos fenômenos naturais.

De acordo com Bacon só a interpretação possibilita o pleno domínio e conquista da natureza. Essa é a lógica que fundamentou o consumo exacerbado da natureza. Deste modo, por muito tempo a natureza foi apresentada como fonte inesgotável de recursos, tendo como função saciar o ideal consumista do homem moderno. Além disso, a história da sociedade ocidental traz o desrespeito e a exploração daqueles que mantinham uma conexão com a mesma. Esses povos eram denominados de modo pejorativo como primitivos e selvagens, sendo castigados/ massacrados por aqueles que eram civilizados. Segundo os civilizados (colonizadores) o genocídio ocorreu para a implantação do progresso nas comunidades compreendidas como selvagens.

Todo esse panorama contribuiu para o distanciamento do homem da natureza, e, conseqüentemente, a destruição dos elementos que a constitui, levando a uma crise denominada ambiental caracterizada pela destruição da base física, pelo dismantelamento social com o aumento da miséria, da finitude dos recursos naturais remetendo a uma reflexão sobre o modelo civilizatório, despertando novos sentidos e oportunidades de vida e mudança. Assim, a questão ambiental é considerada como fator essencial para a qualidade de vida, sendo que os problemas ambientais devem ser postos em destaque na gestão pública, social e individual da população.

Como traz Coriolano (2003), o desenvolvimento e meio ambiente encontra-se numa relação recíproca: atividades econômicas transformam o meio ambiente e o ambiente alterado constitui uma restrição externa para o desenvolvimento econômico e social. Contudo essa relação pode ser feita de uma forma controlada, mitigando impactos e agressões.

O estudo das questões ambientais favorece uma visão clara dos problemas de ordem local, regional e global, fornecendo elementos para a tomada de decisões e permitindo intervenções necessárias. Tais intervenções são possíveis através de projetos relacionados à sustentabilidade do ambiente e os profissionais da educação, como mediadores na transmissão do conhecimento e na formação para cidadania, exercem um papel fundamental na execução desses projetos.

Além disso, a compreensão das questões ambientais pressupõe um trabalho interdisciplinar, sendo que a análise dos problemas ambientais envolve questões políticas, históricas, econômicas, ecológicas e geográficas. Dessa forma, para a transformação do cenário atual (esgotamento de recursos naturais, crescimento das desigualdades sociais, expansão urbana, etc) a Educação Ambiental (EA) surge como elemento estratégico, podendo suscitar mudança de comportamento, percepção crítica, ações que permitam harmonizar as relações entre sociedade e natureza.

De acordo com alguns autores a preocupação com a destruição do planeta ganha destaque a partir dos anos 70 quando se intensifica e se institucionaliza o debate acerca da problemática ambiental mundial, sua relação com o desenvolvimento social e econômico das nações e as mudanças de comportamento a partir da educação “ambiental”.

As finalidades desta educação para o ambiente foram determinadas pela UNESCO, logo após a Conferência de Belgrado e são as seguintes: “formar uma população que tenha conhecimento, competências, estado de espírito, motivações e sentido de empenhamento que lhe permitam trabalhar individualmente e coletivamente para resolver os problemas atuais e para impedir que eles se repitam” (EFFTING, 2007).

Portanto, a EA deve contribuir para a transformação e o despertar da sociedade para um compromisso individual e coletivo com o meio ambiente, ou seja, uma mudança de mentalidade, uma ruptura epistemológica, de modo, a “repensar o já pensado”, produzindo um novo conhecimento baseado numa abordagem que integra natureza, valores humanos e as identidades culturais em práticas produtivas sustentáveis (DENTZ, 2006).

A escola é um dos espaços em que a EA pode ser desenvolvida. Nela, o indivíduo deve ser sensibilizado a buscar valores que o conduza a uma convivência harmoniosa com o meio ambiente. Porém, para que isso ocorra torna-se necessário levar em consideração as características locais e as especificidades dos alunos, dos professores e da própria escola.

Diante desse quadro o presente estudo teve como objetivo analisar as percepções de alunos e profissionais da Escola Estadual João Arlindo de Jesus, localizada no Povoado

Taiçoca de Fora (N. Sr.^a do Socorro) sobre a conservação ambiental, uma vez que, a comunidade está localizada numa zona de ecossistemas frágeis: manguezais, e, vem sofrendo grandes impactos negativos, devido ao crescimento de viveiros para criação de camarão (carcinicultura), ao crescimento populacional, ao não cumprimento do período de defeso, entre outros.

Para a análise da percepção dos alunos e profissionais da escola, em questão, foram elencados alguns objetivos específicos, tais como: identificar a dimensão ambiental no cotidiano escolar; avaliar a EA praticada na escola, no sentido de contribuir para a percepção crítica de mundo e mudanças atitudinais ecologicamente equilibradas; compreender a percepção dos indivíduos acerca do papel da natureza para a continuidade de suas práticas cotidianas; examinar os projetos de EA desenvolvidos na escola; entender as concepções de natureza/meio ambiente dos professores e seus reflexos na prática de Educação Ambiental na escola, e, conhecer a realidade natural, social e cultural da comunidade, destacando que a escola não está isolada do seu entorno.

Assim, a análise da percepção dos alunos e profissionais de educação, desta localidade, contribuiu para o entendimento do papel que a escola pode desempenhar nos processos educativos referentes a conservação ambiental. Bem como, a importância da sensibilização a respeito da natureza, mantendo o modo de vida da comunidade e possibilitando a participação, desta, nos projetos desenvolvidos na localidade.

Dessa maneira, com a maior participação dos envolvidos com as questões referentes ao povoado poderá haver uma formação crítica dos discentes e uma menor agressão a natureza. Além de que a discussão da problemática ambiental viabilizará aberturas de novos campos, a reorganização social, a percepção do ambiente em que vive, enfim, um ambiente saudável.

No que se refere a metodologia, o estudo pode ser classificado como exploratório e descritivo. Exploratório, pois proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, estabelecendo os critérios a serem adotados, os métodos e as técnicas adequadas. E descritivo, pois possibilita a descrição do objeto estudado e o estabelecimento entre as variáveis.

Com base nos procedimentos técnicos utilizados, a coleta de dados foi realizada através de pesquisa bibliográfica, documental e por meio da pesquisa de campo, com aplicação de questionários e a realização de entrevistas.

No levantamento bibliográfico buscou conhecer as diferentes contribuições científicas sobre natureza, meio ambiente, percepção, educação ambiental e cotidiano escolar, dando ênfase à categoria lugar, pois esta é de fundamental importância para o entendimento da identidade da comunidade. O material utilizado foi retirado de livros, artigos científicos, internet, site da Prefeitura Municipal de N. Sr.^a do Socorro, entre outros.

A pesquisa documental foi desenvolvida a partir da coleta de dados secundários disponíveis em relatórios referentes a objeto de estudo, dados esses relativos aos aspectos socioeconômicos do povoado como: população, para estar ciente do número de pessoas residentes; serviços de saúde e ensino, para compreender as questões referentes ao saneamento básico, isto é, a qualidade de vida da população; atividades econômicas; uso da terra e distribuição da população; o tratamento dispensado aos dejetos, etc. Tendo em vista análise da degradação imposta ao ambiente pela intervenção humana.

Os dados primários foram coletados diretamente através de pesquisa de campo mediante a observação e a aplicação de questionários aos alunos, bem como a realização de entrevistas aos professores, aos funcionários do apoio pedagógico-administrativo, a coordenadora e a diretora, procurando conhecer as percepções em relação à conservação do meio em que vive. Além da análise dos projetos desenvolvidos na escola a fim de identificar a dimensão ambiental no cotidiano escolar.

Em relação à amostra utilizada para aplicação do questionário e entrevista foi estratificada, sendo que fizeram parte do grupo analisado alunos da 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, buscando apresentar a visão dos que estão na série inicial e final desta modalidade de ensino. Além dos alunos, os professores, a coordenação, o apoio, também, entrou no grupo amostral.

Destarte, após aplicação dos questionários e entrevistas os dados brutos foram organizados em tabelas e gráficos, possibilitando a análise do objeto em estudo.

O presente artigo está estruturado, basicamente, em quatro blocos. No primeiro, encontra-se o panorama da sistematização do projeto de pesquisa. Enquanto, o segundo resgata a discussão sobre o conceito de natureza/meio ambiente e de Educação Ambiental na história da sociedade. Já o terceiro, apresenta os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo. Por fim, têm-se as considerações finais, obtidas a partir da análise do objeto de estudo.

2. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na atualidade é comum a discussão acerca da relação da sociedade e natureza. Reflexo de um modelo civilizatório “ *onde o consumo enquanto valor , rege o modo de ser*” MOLES (1972 *apud* WALDMAN, 1992), ou seja, é o mundo da mercadoria que determina o valor do indivíduo, sendo importante o ter e não o ser, visto que o ter significa poder. Isso, resulta na natureza a sua especulação, seu consumo demasiado e, conseqüentemente, os problemas ambientais que, também, são sociais, econômicos, políticos e culturais.

Assim, o debate acerca da relação homem-natureza possibilita a compreensão do panorama atual de sociedade. Nesta perspectiva, torna-se relevante a análise da construção do conceito de natureza/meio ambiente na história da humanidade, uma vez que seu estudo proporciona a reconstituição do papel do homem em sociedade.

Segundo alguns autores num determinado momento a relação do homem com o restante da natureza já foi integrada de tal forma que não havia sequer a percepção da existência do meio ambiente como algo extra-humano. Com o tempo, a natureza começou a ser vista como entidade à parte, sendo que no período da revolução industrial tornou-se uma exclusiva fornecedora de matérias-primas.

A revolução industrial muito mais que uma profunda revolução técnica, foi o coroamento de um processo civilizatório que almejava dominar a natureza e para tanto submeteu e sufocou os que a ele opunham. O absurdo é que tal projeto teve- de antemão- de colocar o homem como não-natureza, pois se o homem não fosse assim pensado a questão da dominação da natureza sequer se colocaria... (GONÇALVES, 2008, p. 42).

De acordo com Moreira (2006) o modo como hoje concebemos a natureza tem sua origem mais remota na revolução introduzida por Nicolau Copérnico, no entendimento do sistema solar via teoria heliocêntrica e que a partir daí se costura como entendimento da idéia de natureza em toda a Europa. Desse modo, a revolução de Copérnico significou a releitura da ordem geográfica do mundo. E nasce a ciência moderna. Sendo que a base da passagem da teoria geocêntrica para a teoria heliocêntrica é a criação do método experimental por Francis Bacon e Galileu Galilei.

Por meio do método experimental os fenômenos se tornaram objeto de conhecimento mediante a investigação metódica. “*O homem instrumentalizado pelo método científico,*

pode penetrar os mistérios da natureza e, assim, torna-se “senhor e possuidor da natureza”. À imagem e semelhança de Deus, tudo pode, isto é, é todo-poderoso” (GONÇALVES, 2008, p.33, grifos do autor).

Em oposição ao empirismo tem-se o pensamento de Descartes que fundou a compreensão do comportamento dos fenômenos na geometrização do mundo. “*Descartes preconiza uma concepção de natureza sem orientação, sem interior, externa a si mesma (res extensa)*” (SOUZA, 2007, p. 74).

A concepção de natureza externa consagrará a capacidade humana de dominá-la. A natureza deixa de ser morada de Deus e passa a ser concebida através de modelo físico-matemático. “*Esta dessacralizada já que não mais povoada por deuses, pode ser tomada objeto e, já que não tem alma, pode ser dividida (...). É uma natureza-morta, por isso pode ser esquartejada*” (GONÇALVES, 2008).

Com base em Moreira (2006) a desumanização acontece, já que não se pode conceber a natureza como movimento mecânico tendo de contemplar a presença do homem. Deste modo, a separação natureza-homem no plano geral da filosofia e a separação ciência-filosofia no plano específico do mundano significam fazer da natureza assunto da ciência e do homem assunto da metafísica.

De acordo com o exposto, na visão antropocêntrica e cartesiana a natureza é objetiva e homem é externalidade. Um não faz parte do espaço do outro. Isso corrobora com o princípio de que estando o homem dissociado da natureza torna-se mais fácil e aceitável seu domínio.

Os problemas ambientais que envolvem as dimensões social, econômica e política, resultados de ações denominadas insustentáveis, refletem a ótica cartesiana de natureza. Como traz Capra (1996, *apud* BOAS e CARVALHO, 2005) os problemas ambientais são na verdade problemas sistêmicos, interligados e interdependentes e sua solução depende da mudança na percepção, no pensamento e nos valores humanos.

Deste modo, é preciso pensar um modelo de sociedade em que o homem não se sinta externalidade, mas, uma extensão da natureza, possibilitando uma relação integral e harmônica, na qual os limites serão considerados.

As discussões acerca da filosofia da natureza são relevantes pelo fato de possibilitar o entendimento do seu conceito. Camargo (2005) afirma que “*o conceito de natureza é um produto social*”. Toda sociedade, toda cultura, cria um determinado conceito de natureza, ao mesmo tempo em que cria e institui suas relações sociais (GONÇALVES, 2008, p.37). Ou

seja, a natureza é um conceito que traz em si a configuração de um grupo em determinado período histórico.

De acordo com os pressupostos, o conceito de natureza/meio ambiente “*é uma referência concreta da atuação das sociedades ao longo história*” CARVALHO (1991, *apud* WALDMAN, 1992). Esta atuação, como dito anteriormente, tem gerado uma transformação no meio natural de forma desequilibrada levando o homem a refletir sobre o tipo de desenvolvimento e sociedade instaurado. Ou seja, refletir sobre um tipo de sociedade capitalista que tem como objetivo o máximo de desenvolvimento das forças produtivas, é excludente e que entende como atrasadas as formações sociais que não compartilham desta vontade.

O produtivismo inerente do modelo de sociedade capitalista pressupõe caráter inesgotável dos recursos naturais. Nega o delicado equilíbrio dos ecossistemas. O desperdício lhe é inerente. Com as técnicas de obsolescência planejada, a mercadoria é confeccionada com a finalidade de tornar-se inútil, mais do que inviabilizá-la após certo tempo... O mercado passa a ser uma esfera política de caráter fantasmagórico, dividindo abstratamente a sociedade entre consumidores e mercadorias. Para o produtivismo, não existem classes sociais, apenas consumidores (WALDMAN, 1992, p. 57).

Assim, na década de 60 foi lançado o livro *Primavera Silenciosa* cuja autoria é da jornalista Rachel Carson e tratou de discutir a perda da qualidade de vida produzida pelo uso indiscriminado e excessivo dos produtos químicos e os efeitos dessa utilização sobre os recursos ambientais. Este livro é considerado um marco nas discussões acerca das questões ambientais, pois gerou inquietações na comunidade mundial a respeito da necessidade de providências para reversão do quadro descrito. Ainda nesta década foi fundado o Clube de Roma, grupo de especialistas que se reuniram para discutir a crise atual e futura da humanidade (DIAS, 1994).

A partir das discussões o Clube de Roma publicou, em 1972, um relatório intitulado *The Limits of Growth* (Limites do Crescimento) que denunciava que o crescente consumo mundial ocasionaria um limite de crescimento e um possível colapso. Isso chamou a atenção de estudiosos de diversas áreas, levando-os a pensar numa nova forma de aliar crescimento econômico, preservação da natureza e bem-estar social. Ainda, sob os efeitos das repercussões deste relatório, surgiu uma série de eventos cujo tema principal foi a questão ambiental. A Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, é um exemplo.

Considerada um marco histórico político internacional para o surgimento de políticas de gerenciamento ambiental, a Conferência de Estocolmo gerou a

Declaração sobre o Ambiente Humano e estabeleceu o Plano de Ação Mundial como o objetivo de inspirar e orientar a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Reconheceu o desenvolvimento da Educação Ambiental como o elemento crítico para o combate à crise ambiental no mundo, e enfatizou a urgência da necessidade do homem reordenar suas prioridades (DIAS, 1994, p.21).

A Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano instituiu-se como relevante para que EA passasse a ser considerada como campo da ação pedagógica, uma vez que foi a partir deste evento que a importância entre meio ambiente e educação passou a ser ressaltada e sua discussão ganhou *status* de assunto oficial para a ONU e em projeção mundial. Logo após este evento, ocorreu o Encontro de Belgrado (1975) promovido pela UNESCO (Organização para a Educação, Ciência e Cultura), onde foram formulados os princípios e orientações para um programa internacional de educação ambiental. Mas, somente em 1977, na Conferência Intergovernamental sobre EA (Conferência de Tbilisi, como ficou conhecida), realizada pela UNESCO e PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), em resposta à recomendação 96 da Conferência de Estocolmo, que foram definidos os objetivos, as estratégias pertinentes em nível nacional e internacional da EA.

A Conferência de Tbilisi foi um marco histórico de destaque na evolução da EA, apresentando-a *“como o meio educativo pelo qual se podem compreender de modo articulado as dimensões ambiental e social, problematizar a realidade e buscar as raízes da crise civilizatória”*. Outros eventos sucederam esta conferência, destacando a Jornada Internacional da Educação, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, paralela à Conferência Oficial na Rio 92, na qual foi produzido o Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, estabelecendo um conjunto de compromissos coletivos para a sociedade civil planetária (LOUREIRO 2004, p.71).

No Brasil, em 1973, tem a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), mas, somente em meados da década de 80 que a EA começa a ganhar dimensões públicas, de grande relevância, tendo sua inclusão na Constituição Federal de 1988. Anterior a isso, tem-se a formulação da Política Nacional do Meio Ambiente, definida por meio da Lei nº 6.983/81, em que apresenta a EA como um dos princípios que garantem *“a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar no país condições ao desenvolvimento socioeconômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana”*. Estabelece, ainda, que a Educação Ambiental deve ser oferecida em todos os níveis de ensino e inclusive na educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente.

As discussões sobre a questão ambiental ganha um caráter público e social no Brasil a partir da década de 80, sendo que nesta época a EA era vista por um viés conservacionista, influenciado por valores da classe média européia.

Na década de 90 diversos órgãos (Ministério da Educação - MEC, Ministério do Meio Ambiente - MMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA) desenvolveram diversas ações para consolidar a Educação Ambiental no Brasil. No MEC, por exemplo, foram aprovados os novos Parâmetros Curriculares, documento que define como temas transversais: saúde, ética, pluralidade cultural, orientação sexual e meio ambiente. Neles a temática ambiental foi inserida não como disciplina, mais de maneira a ser trabalhada e articulada pelas diversas áreas do conhecimento.

Em 1999 foi sancionada a Lei Federal nº 9.795 (Política Nacional de Educação Ambiental- PNEA) apresentando que a EA permite que o indivíduo construa valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

A EA é sustentada na aprendizagem permanente, baseada no respeito a todas as formas de vida e no estímulo às sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, mantendo entre si a relação de interdependência e diversidade. Esta conduta ética e moral é pautada na responsabilidade individual e coletiva, tanto em nível local, como nacional e global... (SEABRA, p.17, 2009).

Assim, a Educação Ambiental (EA) surge como uma ação estratégica de enfrentamento dos problemas ambientais, no sentido de que, constitui-se como atividade intencional da prática, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em relação à natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a plena na prática social e de ética ambiental (TALAMONI e SAMPAIO, 2003).

Alguns autores criticam a tendência de reduzir a questão ambiental a um problema estritamente ecológico, de forma a pensar os problemas ambientais desvinculados das práticas sociais. Por conta disso, eles criaram novas denominações para renomear a educação que já é adjetivada de “ambiental”, para que a EA seja compreendida não apenas como um instrumento de mudança cultural ou comportamental, mas, também, de mudança social para atingir a mudança ambiental. Fundamentado nesta análise pode-se inferir que não é possível mudança ética quando se ignorar a sociedade, por esta encontra-se imbricada de valores construídos ao longo do tempo.

A EA é tida como um processo lento e contínuo, decidida coletivamente e trabalhada de forma interdisciplinar. Como traz Loureiro (2004, p.29)

a EA promove a conscientização e esta se dá na relação entre “eu” e o “outro”, pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das suas condições de vida.

Com base nas exposições anteriores, é possível afirmar que a EA é um processo pelo qual o indivíduo adquire a capacidade de perceber-se enquanto ser modificador do meio e agente transformador de práticas que possibilitem uma convivência harmoniosa com o mesmo. *O indivíduo terá subsídios para compreender o presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com presente* (STRAFORINI, 2004). Porém, não é a EA que resolverá todos os problemas que afligem a humanidade, por estes serem de tamanha complexidade que a mesma não dar conta.

De acordo com Loureiro (2004) a EA é, *em síntese, uma práxis educativa que é sim cultural e informativa, mas fundamentalmente política, formativa, portanto, transformadora das relações sociais existentes*. Ou seja, é uma ferramenta que trabalha com comportamentos e grupos sociais diversos, podendo contribuir para as transformações almejadas.

3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO ESCOLAR: COMUNIDADE E ESCOLA COMO O CAMINHO PARA A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL³

A sociedade compreende um conjunto de indivíduos que compartilham costumes, interesses, gostos em comum, sendo estes, particularizados em cada momento histórico. Ou seja, a sociedade é um agrupamento de pessoas que vivem numa comunidade, e, suas relações com a natureza é determinada pela forma como se organiza para o acesso e uso dos recursos naturais. Por isso, a discussão acerca da crise ambiental a partir da lógica sociedade-natureza, visto que fornece subsídios para o seu entendimento.

A escola é um dos espaços no qual a relação homem - natureza é debatida. Assim, a escola como espaço privilegiado de formação do indivíduo deve encontrar meios efetivos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e sua consequência para consigo, para o ambiente (EFFTING, 2007, p. 24). Nesta perspectiva, é imprescindível

³ Entende-se por conservação ambiental a gestão sustentável dos recursos naturais, sem colocar em risco a biodiversidade e garantindo a sobrevivência dos seres vivos pelo maior tempo possível.

que o aluno perceba-se como transformador da realidade que o cerca e a partir de então tenha mudanças atitudinais em relação ao meio e ao outro. Não pretende aqui trazer a escola como a resolução de todos os problemas que afligem a sociedade, mas sim, afirmar que é a chave mestra para tais questões.

Na escola ao tratar das questões ambientais os professores devem partir das idéias dos alunos, levando-os a descobrir-se e desvendar o seu cotidiano, isto é, os professores devem trabalhar com as representações sociais de cada discente, pois estas representam a forma como os indivíduos percebem o meio e estas são influenciadas pelas relações sociais.

De fato, é no âmbito da análise do cotidiano que podemos melhor entender as ações dos sujeitos que movimentam a escola e com isso alcançar a natureza dos processos constitutivos da realidade escolar, tendo em vista a transformação... Nesse sentido,..., “não é possível conhecer a sociedade (global) sem conhecer a vida cotidiana (...) e não é possível conhecer a cotidianidade sem o conhecimento crítico da sociedade (global) (PENIM, 1995, p. 13).

Numa análise sobre o cotidiano escolar é notória a insatisfação daqueles que compõem a comunidade escolar. Pais, professores e alunos reclamam que ela não está funcionando como deveria. Mas, cada um pensa que os culpados desse mau funcionamento são sempre os outros, dificultando o entendimento da raiz do problema.

O cenário escolar é assim configurado: os pais estão preocupados e insatisfeitos porque os filhos não conseguem aprender, obtêm notas ruins, são reprovados; os professores se sentem cansados e frustrados porque não tem condições de trabalhos dignas, falta material didático, as classes são superlotadas, os salários são irrisórios não permitindo viver dignamente; e os alunos sentem que a escola não foi feita para eles, pois tudo que eles sabem de experiência própria e bem vivida não é levado em conta na escola e vão se sentindo realmente incapazes de aprender e vão se resignando a um fracasso que vai marcar o resto de suas vidas (CECCON et tal, 1996). “*Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade*” (TUAN, 1983, p. 09).

É comum ouvir que a escola é democrática e assim todos devem ser tratado da mesma maneira. É por tudo isso que querer tratar da mesma maneira alunos e professores que se encontram em situação desigual, significa não apenas manter a desigualdade, mas até aumentá-la. Para acabar com o fracasso que caracteriza a educação é preciso olhar a escola por dentro, é preciso levar em consideração suas peculiaridades, o seu entorno.

Como traz Freire (1983) quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções para, assim como, poder transformá-la.

Mas, o que essas discussões têm haver com a questão ambiental? Tudo, visto que, a maneira como o indivíduo percebe o meio influencia na sua relação com o mesmo.

Assim, a dimensão ambiental na escola não pode estar restrita ao imaginário coletivo, deve sair do confinamento perceptivo e oferecer caminhos que possam favorecer a participação ativa.

A escola, que possui a função de formar cidadãos críticos e aptos a interferir na organização da sociedade na qual estão inseridos, contribui, significativamente, para a mudança comportamental em relação ao ambiente. Essa mudança, como já dito anteriormente, transcende o ambiental, envolvendo o compromisso com o outro e com a vida, de tal maneira a habilitar o indivíduo a se posicionar para a construção do mundo que será herdado.

A partir desse enfoque, foram formuladas algumas questões de pesquisa para o presente estudo, tais como:

- A dimensão ambiental tem sido contemplada no ambiente escolar?
- A Educação Ambiental praticada na escola pública tem contribuído para práticas que levem a uma percepção crítica do mundo e a atitudes ecologicamente equilibradas? De que forma?
- Qual o papel da natureza, na percepção do indivíduos, para a continuidade de suas práticas cotidianas?
- Quais as concepções de natureza/meio ambiente dos professores e seus reflexos na prática de Educação Ambiental na escola?

Para a compreensão destes questionamentos foram elaborados questionários e entrevistas com perguntas semi-abertas, sendo sua análise qualitativa. Estes divididos, basicamente, em dois blocos. O primeiro buscou fazer um diagnóstico do perfil ambiental da escola e da comunidade local. Enquanto, o segundo procurou analisar a percepção da comunidade escolar acerca conservação ambiental.

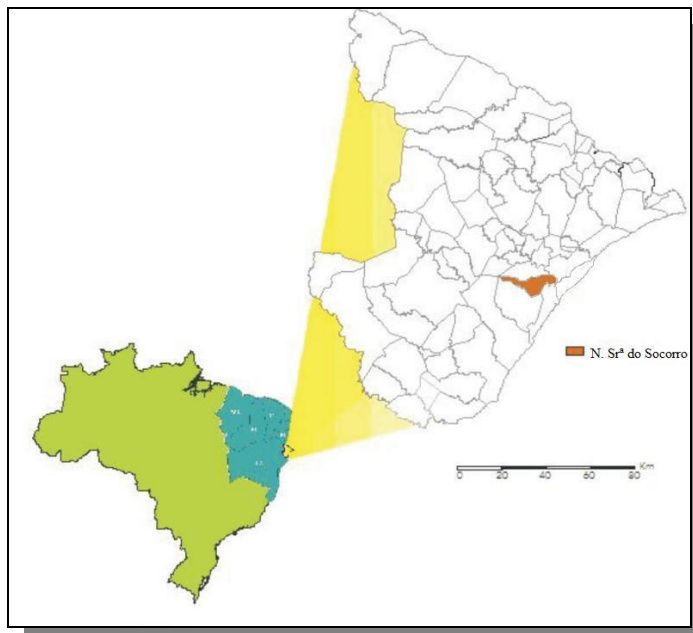
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE N. SR^a DO SOCORRO

O município de N. Sr^a do Socorro localiza-se na porção leste do território sergipano. (Figura 01). Com uma área de 157, 2 Km² ocupa 0,7% da área estadual e 7,4% da Micro-região da Grande Aracaju e está composto por 17 povoados, 13 conjuntos habitacionais, 22 loteamentos e 30 invasões com áreas distintas além da Sede. Dentre estes se destaca o Complexo Taiçoca formado pelos povoados *Taiçoca de Dentro*, *Taiçoca de Fora* (área de estudo) e *São Braz*; por alguns conjuntos habitacionais como *João Alves Filho*, *Fernando Collor*, *Marcos Freire I, II e III*, *Albano Franco*, entres outros; vários loteamentos e invasões (<http://www.ansocorro.com.br/>, acessado em 30/06/2009).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2007 o município tinha 148.325 mil habitantes, sendo o segundo mais populoso do estado. Ele dista da capital em linha reta 11 Km e em razão de sua proximidade com a mesma, o município tornou-se verdadeira cidade-dormitório. Na sua Sede está agrupada a maior parte dos órgãos da administração municipal, porém, a concentração populacional é pequena em comparação aos complexos habitacionais da Taiçoca e demais conjuntos habitacionais.

Em relação aos aspectos socioeconômicos no município são encontrados diversos estabelecimentos comerciais e bancários, unidades de saúde, centros de atendimento psicossocial e diversas escolas particulares, públicas municipais e estaduais, sendo 04 no povoado Taiçoca de Fora (Escola M. Prof^o Acrísio Cruz, Escola Rural N. Sr^a da Conceição, Escola M. Pedro Moreira Filho e Escola E. João Arlindo de Jesus). Quanto às principais atividades econômicas desenvolvidas no município podem ser elencadas a *pecuária* (rebanhos bovinos, suínos, eqüinos, ovinos, etc), a *agricultura* (banana, coco-da-baía, manga, batata doce, cana-de-açúcar, mandioca e feijão), a *piscicultura* (é diversificada e, atualmente destaca-se a produção de camarão em viveiro- carcinicultura) e a *indústria* (possui um Distrito Industrial localizado no Conjunto João Alves Filho, no qual estão concentradas indústrias de alimentos, malharias, artefatos de cimento, renovadoras de pneus, fábricas de velas, de leite de coco, gesso, entre outros).

Figura 01
Sergipe
N. Sr^a do Socorro: Mapa de localização
2009



Fonte: Atlas Digital sobre Recursos Hídricos de Sergipe- SEPLANTEC/SRH, 2003
Elaboração: Eline Almeida Santos

No tocante a cultura e a religiosidade, nos povoados e conjuntos habitacionais são realizadas festas religiosas, a exemplo, da festa da Rosa Mística (no Conjunto Jardim), de Nossa Senhora da Conceição (Povoados Taiçoca de Fora e Taiçoca de Dentro) e a festa do Menino Jesus (Povoado do Parque dos Faróis). Existem ainda as manifestações folclóricas representadas pelos grupos de capoeira, quadrilhas juninas além do samba de coco e do reisado dos idosos. (Foto 01 e 02).



Fotos 01 e 02- Samba de coco- Povoado Taiçoca de Fora
Fonte: trabalho de campo, julho de 2009.

N. Sr^a do Socorro é banhado pelos rios do Sal, Cotinguiba e Sergipe, sendo que em sua porção litorânea predominam coqueiros, vegetação rasteira e matas de restinga. Destaque para os manguezais que margeiam estes rios. Devido ao processo de urbanização intensificado na década de 80 com a presença de vários empreendimentos imobiliários, várias áreas, principalmente as de mangues, sofreram transformações. Assim, áreas que apresentavam uma densa vegetação se transformaram em grandes conjuntos habitacionais e, atualmente, apresentam sérios problemas ambientais e sociais que o município tem dificuldades para resolver.

O retrato ambiental dos rios do município é preocupante, uma vez que estes se apresentam degradados pelas inúmeras atividades desenvolvidas em sua bacia. Nelas são encontradas diversas pocilgas, lixo, esgoto doméstico e industrial, ocupação desordenada, carcinicultura e pesca predatória. Isso tem levado ao assoreamento desses rios, retirada do manguezal, a mortandade de peixes, como a ocorrida em 2008 no rio do Cotinguiba, devido uma grande concentração de amônia. (Fotos 03 e 04).

O município de N. Senhora do Socorro, em relação ao outros municípios do estado, apresenta um debate bem avançado sobre as questões ambientais, visto que, em 2007 foi instituída a Lei Municipal nº 703 (Código de Meio Ambiente de N. Senhora do Socorro), instrumento que versa sobre a política ambiental do mesmo. Além disso, são realizadas, pela Secretaria Municipal de Agricultura, Irrigação e Meio Ambiente (SEMAIMA), várias ações



Fotos 03 e 04- Ocupações nas margens do rio Cajaíba, afluente do Rio Cotinguiba- Pov. Taiçoca de Fora
Fonte: trabalho de campo, julho de 2009

de Educação Ambiental, objetivando despertar na comunidade o olhar sobre os problemas da localidade. Dentre as ações desenvolvidas por esta secretaria cita-se: *Projeto “Dia de Sítio”* (possibilita aos alunos das escolas do município espaços interativos de informações e práticas socioambientais, intitulados “No Lixo não há só Lixo” e “Viveiro Educador”, objetivando a Fomentação da Educação Ambiental município); *Projeto Socorro te quero verde* (visa a

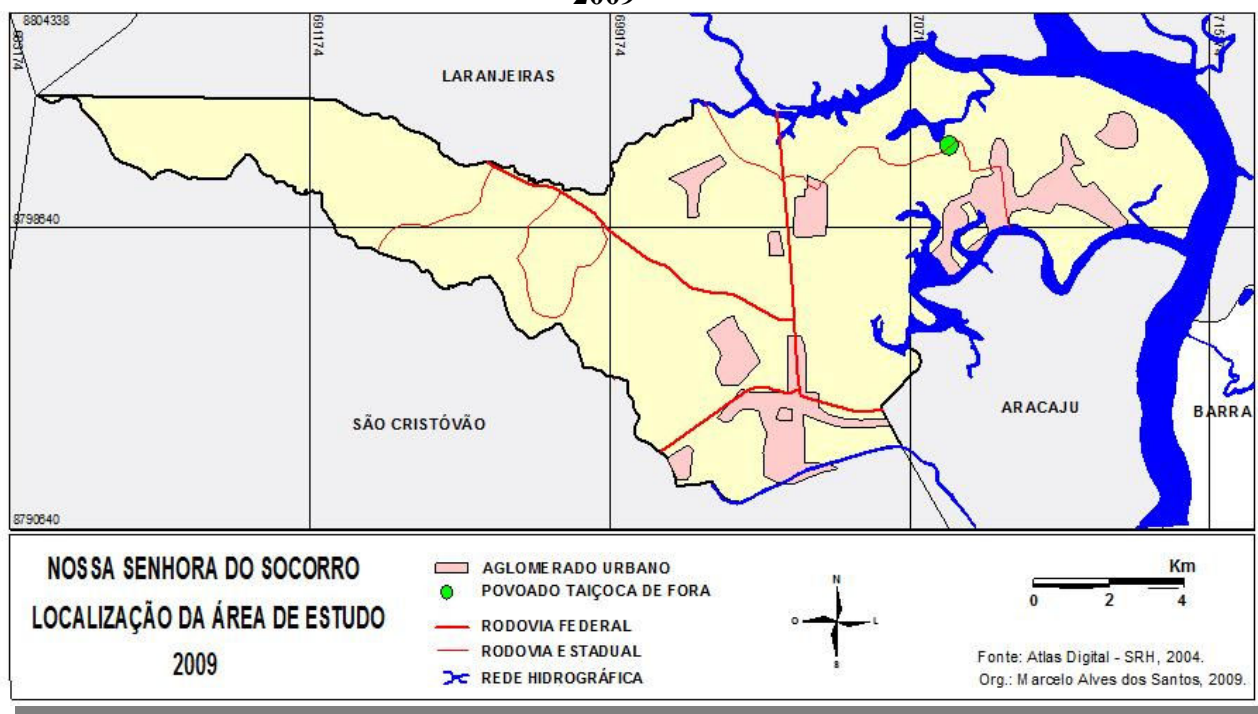
arborização do município, plantas nativas nas escolas e associações) e *Projeto criando e lucrando com o Lixo* (curso de reciclagem de papel e produção de papel de resíduos vegetais: bagaço de cana, fibras do tronco da bananeira e casca de coco verde). Além disso, a prefeitura está desenvolvendo campanhas para que a população não jogue lixo na rua, apresentando os dias de coleta do lixo em cada bairro. (Anexo 01).

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO POVOADO TAIÇOCA DE FORA E DA E. E. JOÃO ARLINDO DE JESUS

Com uma população de, aproximadamente, 7000 habitantes (dados obtidos no posto municipal de saúde da localidade, 2009), o povoado está dividido em *Bolandeira*, *Barreira* e *Canabrava*. Possui uma “forte” dependência com o Conjunto João Alves Filho, devido este possuir o maior número de serviços do município. (Figura 02).

Na comunidade são encontrados alguns estabelecimentos comerciais (panificação, mercearia, pequenas lojas de roupas, cabeleireiro, etc.), posto de saúde, escola pública municipal e estadual de Ensino Fundamental (os moradores que cursam o Ensino Médio deslocam-se para o Conjunto João Alves ou para Aracaju), lanchonetes e bares (um número significativo). (Fotos 05 e 06).

Figura 02
N. Sr^a do Socorro: Localização da área de estudo
2009



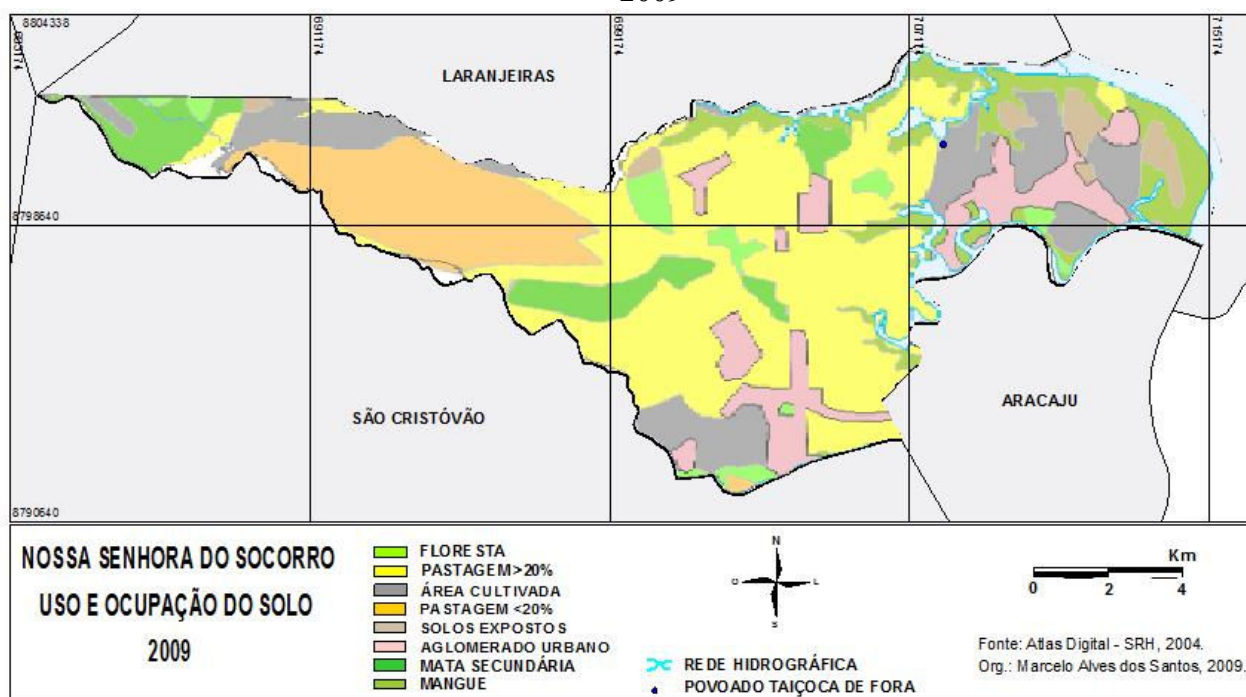
Fonte: Atlas Digital-SRH
 Org.: Marcelo Alves Santos, 2009.



Foto 05 e 06- Lanchonete e Posto Municipal de Saúde- Povoado Taiçoca de Fora
 Fonte: trabalho de campo, julho de 2009.

O povoado Taiçoca de Fora encontra-se embricado numa região de ecossistemas frágeis: manguezal, e, vem passando por transformações intensas, no ponto de vista, da degradação dos elementos da natureza, pois é comum encontrar na localidade um série de viveiros de camarão, ou seja, a prática da carcinicultura. Além, do camarão a comunidade sobrevive, da criação de suínos e da pesca do sururu e sutinga . (Figura 03 e fotos 07 e 08).

Figura 03
N. Sr^a do Socorro: Uso e Ocupação do solo
2009



Fonte: Atlas Digital-SRH, 2004
 Org.: Marcelo Alves dos Santos

O marisco é bem apreciado nos restaurantes da cidade, principalmente no verão, sendo que é exportado para outros estados do Nordeste, como Alagoas e Bahia. Estes estados chegam a consumir grande parte do produto que é produzido na comunidade de Taiçoca de Fora, ou seja, cerca de 80% da produção gerada em N. Sr^a do Socorro é exportada para esses estados (<http://www.jornaldacidade.net>, acessado em 10/06/2009). (Foto 09).



Foto 07- Manguezal da Taiçoca de Fora
 Foto 08- Viveiro de camarão- Taiçoca de Fora
 Foto 09- Sutinga, marisco pescado pelos moradores da Taiçoca de Fora
 Fonte: trabalho de campo, maio de 2009

De acordo com matéria publicada no Jornal da Cidade (11/01/2009), a região onde fica localizada a comunidade, chega a ser uma das maiores produtoras do marisco no Nordeste,

produzindo mais de 1,5 mil toneladas por mês. Todo esse volume proporciona emprego e renda para praticamente toda a comunidade. Desde atravessadores até pequenas famílias ganham dinheiro com o fornecimento do molusco, que se encontra em demasia espalhado pelos rios do Sal e Cotinguiba que margeiam a localidade. O marisco, também, é vendido nas feiras livres de Aracaju. Assim, a base da renda dessa comunidade é a pesca, uma vez que mais de 90% das pessoas que aí residem dependem da mesma.

Na extração do sutinga há uma divisão do trabalho, sendo os homens responsáveis pela pesca e as mulheres pela separação do molusco da casca. (Fotos 10-12 e 13-15).



Foto 10- Pescador no porto da Foto 11- Homens chegando da pesca Foto 12- Homem lavando o
Areia- Taíçoca de Fora do sutinga marisco no rio Cajaíba.
Fonte: trabalho de campo, maio de 2009.

Como foi dito anteriormente, a escola não pode está dissociada do seu entorno. Por isso, a importância de compreender a realidade que o cerca, ou seja, é preciso compreender que ela vai além dos muros, que envolve a comunidade em que está inserida. “... *não podemos esquecer que a escola também faz parte da sociedade. Ela não é uma ilha de pureza no interior da qual as contradições e os antagonismos de classe não penetram*” (FREIRE, 1983).



Foto 13- Cozimento do marisco. Fotos 14 e 15- Mulheres retirando a casca do sutinga.
Fonte: trabalho de campo, maio de 2009.

A Escola Estadual João Arlindo de Jesus está localizada no povoado Taíçoca de Fora, município de Nossa Senhora do Socorro. Ela foi fundada em 1979 e surgiu para suprir a

necessidade do ensino das quatro primeiras séries da Educação Básica, funcionando neste período nos turnos matutino e vespertino. (Foto 16)

João Arlindo, patrono da escola, foi uma pessoa ilustre no município e tinha admiração pela educação. Exerceu vários cargos: delegado de polícia, prefeito eleito no município, administrador, etc.

Atualmente a E. E. João Arlindo de Jesus funciona em dois períodos, manhã e tarde. Sendo o ensino da 1ª a 4ª série pela manhã e da 5ª a 8ª série pela tarde, atendendo um público de, aproximadamente, 360 alunos. A utilização da nomenclatura série é devido à escola, ainda, não adotar a nomenclatura ano, visto que oferece as 08 séries do Ensino Fundamental.

Em relação à estrutura física a escola possui 05 salas de aula, 01 secretaria, 01 diretoria adaptada para sala dos professores, 01 cozinha com 01 depósito de alimentos, um almoxarifado, 08 banheiros (01 na secretaria, 01 na “sala dos professores” e 06 para os alunos). A escola está bem conservada, porém, sua estrutura não atende as necessidades da comunidade, uma vez que, a quantidade de salas de aula é insuficiente, sendo alugado um prédio para comportar 02 turmas; não possui biblioteca, quadra de esporte, sala dos professores, sala de vídeo, sala da coordenação, entre outros. Isso é colocado pela maioria dos professores entrevistados (83,3% num total de 06 entrevistas) como empecilho para o desenvolvimento de práticas que condizem a EA.



Foto 16- Vista frontal da E. E. João Arlindo de Jesus- Taiçoca de Fora/ N. Srª do Socorro.
Fonte: trabalho de campo, maio de 2009.

O quadro funcional é composto por 01 equipe diretiva com 04 profissionais (diretora, secretária, coordenadora e especialista), 04 oficiais administrativos, 01 executora de serviços básicos, 02 merendeiras, 04 vigilantes e 15 professores (05 no período da manhã e 10 no período da tarde).

A faixa etária dos alunos do turno diurno é entre 07 e 16 anos, sendo que no vespertino é entre 11 e 20 anos, é perceptível um número significativo de alunos com idade defasada nas séries.

Como a amostra envolveu, apenas, os alunos da 5ª e 8ª séries as entrevistas foram aplicadas para os professores dessa modalidade de ensino. Foram inquiridos 37 alunos (o que corresponde a 20% dos alunos da 5ª série e 20 alunos da 8ª série), 06 professores e 06 profissionais da equipe de apoio pedagógico-administrativo.

No que se refere à procedência dos que compõe a comunidade escolar, a maioria dos alunos reside no povoado Taiçoca de Fora (97%), enquanto que nenhum professor reside na localidade, mas em Aracaju ou em conjuntos habitacionais vizinhos. Já em relação à equipe de apoio pedagógico-administrativo 83 %, também, não residem na comunidade, fato comum no cenário da educação brasileira. Isso pode ser um indicativo importante para que o professor conheça a comunidade e desperte no educando olhar apurado para as questões referentes ao povoado.

A escola é um espaço de discussão e formação do cidadão. Ela funciona a partir da relação entre pais, alunos e profissionais, sendo o tempo todo influenciada por ambos. Deste modo, ela reflete as contradições da sociedade. Por isso, não deve está isolada do seu entorno. Partindo desses pressupostos, na escola analisada a maioria dos professores e da equipe de apoio pedagógico – administrativo apontou como um grande problema para o desenvolvimento educacional a falta de interesse dos pais em participarem ativamente na formação dos filhos. O que tem gerado uma série de conflitos no interior da unidade escolar. ***“A maioria não dá atenção nem acompanha os filhos, justificando-se na rotina do trabalho e na falta de formação”*** (entrevistado).

Outro ponto que caracteriza as relações no ambiente escolar, comum nas escolas brasileiras, é que os professores têm a formação técnica, visto que todos possuem o ensino superior, mas sentem-se frustrados por não conseguirem despertar nos alunos o interesse pelo o conteúdo dado em sala de aula. Já os alunos se sentem desestimulados por não conseguirem dialogar com os professores e não entenderem a importância dos conteúdos para o seu cotidiano; eles não se percebem enquanto agente transformador da localidade.

Destarte, professor e aluno vivem um conflito interior que os sufocam, o tempo passa, as inquietações aumentam e os problemas da escola continuam sem solução. Mas, como mudar este quadro?

Como traz Gadotti (1995) a partir das leituras de Rubem Alves, *a escola precisa ser mais alegre para conseguir ser mais séria; é preciso transformar a escola no “lugar da fala”, sendo a tarefa do professor fazer com que seus alunos “sejam capazes de colocar suas idéias em ordem, a ponto de virarem tese de doutoramento”*. Para que isso aconteça é necessário romper com as “gavetinhas” do conhecimento; o professor precisa trabalhar os conteúdos de forma a levar os discentes a compreender a totalidade. Isso é possível a partir de um trabalho interdisciplinar em que todos os conteúdos estejam inter-relacionados.

O ponto inicial para a questão é a compreensão do cotidiano escolar que se revela pelas representações dos sujeitos que formam a comunidade escolar. “(...) *uma representação social é o senso comum que se tem sobre determinado tema, onde incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas das pessoas*” (REIGOTA, 2004).

3.3. DIMENSÃO AMBIENTAL NO COTIDIANO ESCOLAR

O ambiental corresponde a uma nova dimensão que pode ser debatida no cotidiano da escola. Ela surge a partir do momento em que há uma necessidade de se repensar as práticas em relação à natureza. Nesse sentido o papel da educação é de fundamental importância, visto que existe a necessidade de entender a relação entre esta e a questão ambiental, assim como, essa relação ocorre no âmbito escolar.

A EA apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo toda uma recente discussão sobre as questões ambientais, e as conseqüentes transformações de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída (GUIMARÃES, 1995, p. 09).

Assim, a dimensão ambiental na escola deve contribuir para a formação de uma atitude ética e política de modo a possibilitar o desenvolvimento de novos comportamentos diante do meio.

Para a compreensão do desenvolvimento da dimensão ambiental na escola e na comunidade foram realizadas a seguintes perguntas aos alunos: Algum professor já trabalhou a Educação Ambiental? Na sua escola os professores relacionam os conteúdos das disciplinas

com a temática ambiental? Você participa/participou na escola/comunidade de algum projeto que aborda/abordou a temática ambiental?

Na primeira quanto na segunda questão, os alunos informaram que os professores já trabalharam a temática ambiental em sala de aula, através de debates, desenhos, caminhadas e atividades de pesquisa sobre a questão do lixo, do desmatamento, da poluição dos rios. Porém, quanto a sua participação em projetos de EA a maioria (54%) respondeu que nunca participou. Este fato vem evidenciar a falta de projetos desenvolvidos na escola e na comunidade analisada.

Os professores quando questionados a respeito da importância de trabalhar com projetos responderam que estes são importantes para o entendimento da realidade local e para a participação política dos discentes, pois fazem com que os alunos entendam que são agentes na configuração espacial. Entretanto, não há o desenvolvimento destes projetos devido à falta de materiais para a pesquisa e a falta de interesse dos alunos. Porém, o apoio pedagógico - administrativo pontuou que os alunos são interessados, habilidosos, faltando apenas incentivos por parte dos professores, direção e comunidade.

Assim, observa-se na escola uma contradição entre as partes inquiridas na pesquisa quanto à participação dos alunos. Mas, o que de fato se visualiza é que não existe nenhum registro de projetos na mesma. Portanto, a temática ambiental é trabalhada, de forma pontual na sala de aula, em eventos instaurados pela Diretoria Regional de Educação 08 (DRE 08), pela SEMAIMA de N. Srª do Socorro e pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) em datas comemorativas, como a Semana da água, do meio ambiente, entre outros. Pode ser citado, como exemplo, a ação intitulada “*Praias e rios – vamos limpar e aprender a não sujar!*”, promovida e coordenada pela Frente em Defesa das Águas de Sergipe, em parceria com a SEMARH. Quando indagados sobre os impactos que estas ações provocam na escola, a maioria dos professores não conseguiu responder, visto que não acompanham o trabalho desenvolvido por estas secretarias. (Anexo 02 e fotos 17 e 18).

Implementar a EA nas escolas tem se mostrado uma tarefa exaustiva. Existem dificuldades nas atividades de sensibilização e formação, na implantação de atividade e projetos e, na manutenção e continuidade dos já existentes. (...) A EA não se dá por atividades pontuais, mas por toda uma mudança de paradigmas que exige uma contínua reflexão e apropriação dos valores que remetem a ela, as dificuldades enfrentadas assumem características ainda mais contundentes. (...) A escola deve posicionar-se “por um processo de implementação que não seja hierárquico, agressivo, competitivo e exclusivista, mas que seja levado adiante fundamentado pela cooperação, participação e pela geração de autonomia dos autores envolvidos” (ANDRADE *apud* EFFTING, 2007, p.26-27).



Foto 17 e 18- Projeto “Praias e rios – vamos limpar e aprender a não sujar!”-Pov. Taiçoca de Fora
Fonte: trabalho de campo, maio de 2009

Sobre as metodologias que os alunos preferem para aprender a respeito do meio ambiente, a pesquisa apresentou os seguintes dados: cerca de 33% selecionaram trabalho de campo por considerarem que a aprendizagem é facilitada e que proporciona o maior envolvimento entre os alunos e professor; 24% optaram pelos jogos, pelo fato, destes serem mais divertidos; 19% escolheram os debates por estes tornarem a aprendizagem mais simples, sendo que as aulas tradicionais e outras metodologias (filmes, seminários etc.) ficaram por último na escala de preferência destes com, respectivamente, 16% e 3%. (Figura 04).

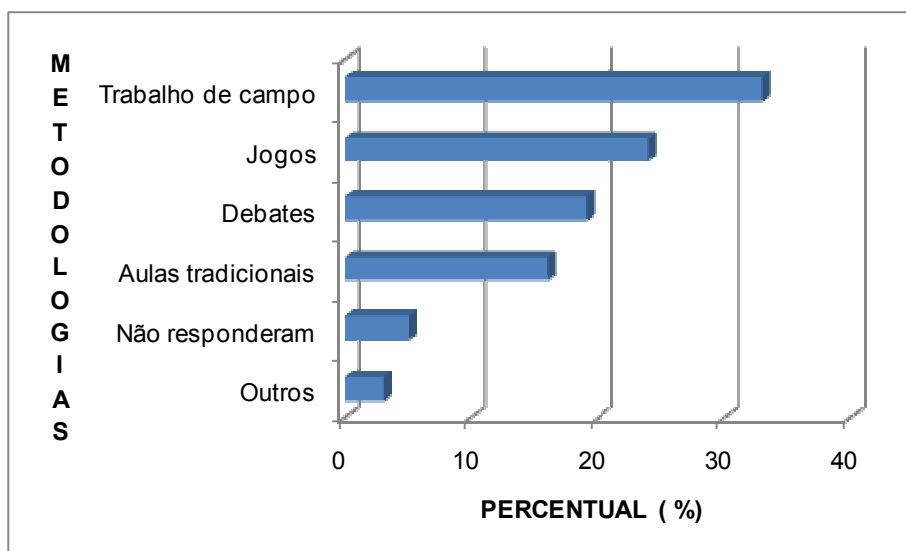


Figura 04: Metodologias apontadas pelos alunos para prática de EA

Fonte: trabalho de campo, julho de 2009

Organização: Eline A. Santos

Esses dados mostram os anseios dos alunos em ter uma escola mais criativa, em que a aprendizagem ocorra de forma dinâmica e divertida, ou seja, que a escola não seja um local apavorante e sem vida. Por isso mesmo é que predominou o trabalho de campo que

proporciona uma maior interação entre os envolvidos e possibilita o rompimento dos muros que cercam a escola, apresentando uma nova realidade a ser desvendada. “*A perspectiva de uma escola crítica e criativa impõe-se gradativamente como condição de uma escola competente e comprometida com a mudança social*” (GADOTTI, 1995, p. 64).

Quando os professores e o apoio pedagógico-administrativo foram indagados a respeito do papel da escola em relação a questão ambiental várias respostas foram apresentadas, mas que convergiram para um ponto em comum, “*é importante para fornecer subsídios teóricos e/ou práticos levando o educando a compreender a sua responsabilidade no que diz respeito a questão ambiental*”. Porém, é “*muito difícil despertar no todo a prática efetiva de ações que valorizem e preserve o ambiente*” (entrevistados). Nota-se que ambos percebem a importância da dimensão ambiental no cotidiano escolar. Mas, pelos motivos já apresentados (estrutura inadequada, desinteresse dos alunos, escassez de recursos, formação acadêmica fragmentária, etc) a EA não é trabalhada de forma contínua e de maneira que transcenda o ambiente escolar que chegue ao bairro, a casa, a outros lugares.

3.4. PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Alguns autores afirmam que os problemas ambientais são resultantes de diferentes percepções entre indivíduos de culturas diferentes ou de grupos que desempenham atividades distintas. Desta maneira, a forma mais elementar de interação do homem com o mundo provém das sensações e percepções.

Tuan (1980) afirma que as percepções são comuns entre os homens, mas ao mesmo tempo diferentes, por vários motivos, um deles por estar relacionadas aos sentidos.

A percepção [...] é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra e são bloqueados. [...] os seres humanos compartilham percepções comuns, em mundo comum, em virtude de possuírem órgãos similares.

Sabendo que a vivência humana no ambiente em que está inserido é orientada por sua percepção e pela atribuição de valores, dão sentido ao termo *Percepção Ambiental*. Segundo o mesmo autor, percepção ambiental é fundamentada pelo entendimento de que a vivência humana e seu entorno próximo são orientados por essa percepção.

Os indivíduos percebem, reagem e respondem de maneira diferente frente às ações sobre o meio. Logo as respostas ou manifestações resultam das percepções, dos processos

cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo, no contexto de suas relações com o ambiente e com a sociedade. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, elas são constantes e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente. No entanto, o que importa aqui são os significados atribuídos à questão ambiental, porque são relevantes e altamente expressivos, na medida em que as percepções se tornam a linguagem que o homem desenvolve para atuar na natureza e construir o seu espaço.

Neste contexto, a percepção como categoria de análise no presente estudo visa ao diagnóstico dos problemas do povoado para possíveis tomadas de decisões. Para isso, a comunidade escolar foi inquirida sobre suas concepções de meio ambiente e EA.

Para a análise das concepções de meio ambiente levou-se em consideração a classificação de Sauv  (2005): *meio ambiente- natureza-* que devemos apreciar para respeitar, para preservar; *meio ambiente-recurso-* que devemos gestionar, repartir; *meio ambiente-problema-* que devemos prevenir, resolver; *meio ambiente- sistema-* devemos compreender para decidir melhor; *meio ambiente-lugar onde se vive-* que devemos conhecer para aprimorar, *meio ambiente-Biosfera-* que vivemos juntos em longo prazo, e, *meio ambiente-projeto comunitário-* que devemos se empenhar ativamente. (Tabela 01).

Tabela 01- Concep es de meio ambiente dos atores da E.E. João Arlindo de Jesus- Povoado Taiçoca de Fora, 2009

CATEGORIAS	%
Natureza	6
Recurso	6
Problema	26
Sistema	9
Lugar onde se vive	15
Biosfera	6
Projeto comunitário	9
Não responderam	23
TOTAL	100

Fonte: trabalho de campo, 2009

Organiza o: Eline A. Santos

Assim, entende que a maioria dos inquiridos (26%) percebe o meio ambiente como problema, caracterizado pela rela o degradante entre homem e natureza. Ou seja, o homem   visto como elemento depredador do ambiente. Porém, 23% dos entrevistados não souberam responder o significado de meio ambiente, o que enfatiza o não-olhar para a realidade que os cerca, ou talvez, a falta de um debate fundamentado sobre a questão. Depois o ambiente  

representado como o lugar onde se vive (15%), ou seja, como a casa, o entorno o local habitável, a realidade percebida como um lugar de moradia, sem o sentido de pertencimento. O ambiente é representado, também, como projeto comunitário (9%), lugar no qual a cooperação e parceria são palavras-chave para mudanças desejadas no seio de uma coletividade. Tem-se o meio ambiente como biosfera (6%), ambiente representado pelo planeta Terra. Por fim, o meio ambiente é visto como natureza e recurso, sendo que na primeira prevalece a idéia de primeira natureza, intocada e distante do homem, e, na segunda a idéia de fonte de riqueza e de fonte de recursos naturais.

A hipótese que pode ser construída a respeito da maioria dos entrevistados considerar meio ambiente como problema é que a mídia exerce um relevante papel na concepção de realidade que as pessoas desenvolvem. Diariamente, são transmitidas notícias alarmistas sobre as catástrofes ambiental sendo homem o vilão da história. Isso cria uma visão pessimista sobre o meio ambiente.

As concepções de EA foram analisadas segundo três categorias criadas por Fiori (2006): *vertente ecológico-preservacionista* (visão reducionista do “conhecer para preservar”); *vertente ecológico-utilitarista* (entende a natureza como estando a serviço do homem) e *vertente ambiental-sistêmica* (visão integrada necessária para a construção de uma sociedade sustentável crítica e consciente). (Tabela 02)

Tabela 02- Concepções de EA dos atores da E.E. João Arlindo de Jesus- Povoado Taiçoca de Fora, 2009

CATEGORIAS	%
Vertente ecológico-preservacionista	40
Vertente ecológico-utilitarista	4
Vertente ambiental-sistêmica	9
Não responderam	47
TOTAL	100

Fonte; trabalho de campo, 2009

Organização: Eline A. Santos

Conforme dados da tabela 02, a maioria dos entrevistados (47%) não soube formular suas concepções de EA. Dado que corrobora com o que foi apresentado anteriormente, a EA não está sendo trabalhada no ambiente escolar de forma efetiva. Porém, dentre as correntes apresentadas predominou a vertente ecológico-preservacionista (40%), na qual eles apontam uma educação voltada para preservação do meio, relacionando-a com a problemática do lixo. Isto é, apresentando que EA contribui para que todos saibam que é errado jogar lixo nas ruas, nos rios, pois pode causar enchentes. Além disso, pontuaram a questão do desmatamento,

como letal para a saúde do planeta e que a EA é uma área criada para despertar a importância da preservação do meio ambiente; que é uma educação voltada para vida e é a preparação do homem para que tenha um ambiente saudável.

Em relação aos problemas do povoado os entrevistados apresentaram os seguintes: desmatamento (retirada do mangue para o preparo da limpeza do marisco), ausência de saneamento básico (ruas sem calçamento e rede de esgoto), poluição do rio, lixo e desemprego. Destes o mais citado foi o lixo, preocupação entre a comunidade escolar. Mas, não se observa nenhuma mudança de atitude na localidade. Quanto aos problemas da escola, os professores e os demais funcionários citaram a gravidez precoce, indisciplina, vandalismo ao patrimônio público. Como sugestão para solucionar esses problemas eles afirmaram que é preciso criar projetos em que os alunos se sintam motivados e valorizados, bem como organizar palestras de sensibilização. (Foto 19 e 20).



Fotos 19 e 20- Ausência de saneamento básico no povoado Taiçoca de Fora
Fonte: Trabalho de campo, julho de 2009.

Tuan estuda e discute a percepção ambiental utilizando o termo *Topofilia* para descrever “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Tal percepção inclui os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material, percebidos através de experiências e percepções que desencadeiam sensações diferenciadas no corpo. Deste modo, para entender a relação de pertencimento dos alunos com o povoado foram formuladas questões a respeito dos locais que mais e menos os agradam.

No tocante aos lugares em que os alunos se identificaram como aqueles que os agradam o de maior destaque (32%) foi a praça, pelo fato de ser uma ambiente de interação e desconcentração. A escola aparece em 4º lugar com 8% da preferência dos alunos. Por último tem-se a igreja e o rio, ambos com 3%. (Figura 05).

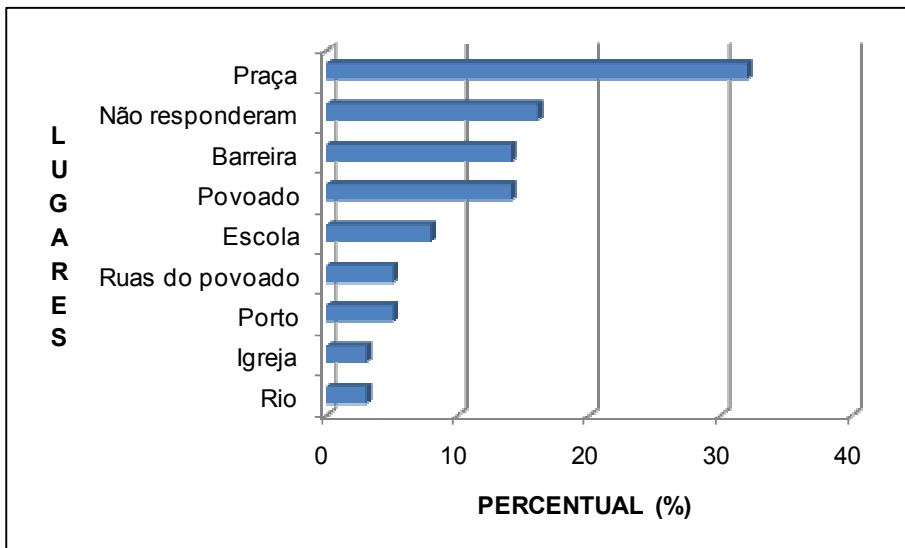


Figura 05: Lugares que agradam aos alunos.

Fonte: trabalho de campo, 2009

Organização: Eline A. Santos

Apesar da maioria dos alunos não saber responder (38%), é perceptível a escolha das ruas do povoado como os locais que menos agradam com 19%. A explicação para a questão é que as ruas não são calçadas, não existe rede de esgoto, o lixo é uma constante e quando chove forma um grande lamaçal. O rio aparece logo após com 11%, fato que chama atenção e demonstra o quanto a comunidade não percebe o rio como importante para as suas vidas. Mas, isso pode ser explicado, também, por este ser visto como local de trabalho, o que causa certa aversão. (Figura 06).

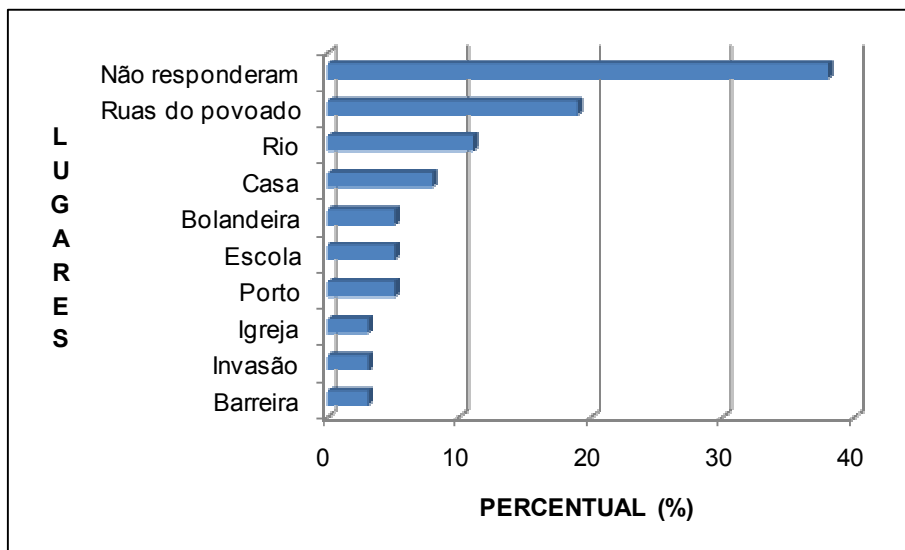


Figura 06: Lugares que não agradam aos alunos.

Fonte: trabalho de campo, 2009

Organização: Eline A. Santos

No geral a comunidade escolar acredita nas discussões acerca da temática ambiental, pois proporciona o entendimento dos problemas ambientais, a busca de soluções e pode iniciar um processo de mudança de atitude.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca da relação homem-natureza contribui para que as práticas de uso intensivo desta sejam repensadas. A partir dessa discussão a questão ambiental entra na pauta dos eventos internacionais, surgindo a EA como uma ferramenta para que o homem reflita sobre suas ações de modo a possibilitar mudanças de atitudes e o surgimento de novos valores que auxiliem na melhoria da sua relação com a natureza, na qualidade de vida. Além disso, a EA trabalha com o resgate do ser enquanto natureza, traz uma reflexão sobre o homem integrante da natureza e por isso “protetor” da mesma.

A dimensão ambiental entra nos currículos escolares, devendo ser trabalhada por todas as disciplinas de forma articulada, interdisciplinar. Porém, o modelo tradicional de ensino de transmissão de conteúdo, ainda, é evidente e desarticulado das aprendizagens desenvolvidas no cotidiano dos indivíduos que constituem a escola. Esse modelo não leva em consideração as experiências dos alunos, tratando-os como tábua rasa, como se estes não possuíssem conhecimentos pré-estabelecidos. É o modelo de educação bancária, na qual o aluno é um mero receptor de conteúdos.

Isso é reflexo de uma formação acadêmica fragmentária da maioria dos professores que por falta de embasamento acabam desenvolvendo atividades de EA que em geral trabalham aspectos parciais da realidade, com um nítido enfoque conservacionista dos recursos naturais, numa visão ecológica bastante reducionista, em que o homem não é visto como parte integrante da mesma natureza; uma visão naturalística, portanto reducionista dos problemas, sem uma contextualização histórico- espacial desses problemas, ignorando completamente uma discussão com os alunos sobre as suas causas. É preciso o redimensionamento dessas práticas escolares de forma abrangente e integradora, permitindo aos alunos a compreensão da problemática ambiental e apontando para uma mudança paradigmática do saber (BORTOLOZZI e FILHO, 2000).

A comunidade Taiçoca de Fora tem uma característica peculiar, uma vez que, apesar da pressão da modernidade, ainda, preserva suas tradições e costumes. Porém, as práticas desenvolvidas nesta localidade (desmatamento do manguezal; poluição dos rios devido a

grande quantidade de lixo depositado e pocilgas; aumento da criação de camarão em viveiros-carcinicultura, provocando a degradação do manguezal e assoreamento do rio, etc) têm gerado uma série de impactos levando o meio há “consternação”. Prova disso é que a comunidade escolar e local, ainda, não incorporou a dimensão ambiental de forma efetiva. Já que observa-se que a mesma não se sente integrante da natureza, com uma visão utilitarista em que esta é fonte inesgotável de recursos.

As implicações de não incorporar a dimensão ambiental na escola são várias, entre elas o aprofundamento dos problemas da comunidade escolar e local, podendo resultar na escassez dos recursos, primordiais para a sobrevivência desses indivíduos.

Destarte, a EA exerce um papel relevante, visto que proporciona a leitura do global a partir do local, fornecendo informação e auxiliando os indivíduos a desenvolverem capacidades que lhes permitam tomar decisões fundamentadas relativas ao ambiente, contribuindo para o aparecimento duma nova ética ambiental, que guie as suas ações. Ou seja, uma EA crítico-transformadora que possibilite a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Enfim, como traz Tuan (1980) o estudo sobre a percepção ambiental, neste sentido, é um meio de compreender como os sujeitos dessa sociedade adquirem seus conceitos e valores, bem como, como compreendem suas ações e se sensibilizam com a crise socioambiental. A Educação ambiental tendo conhecimento dos valores e ações que os sujeitos possuem frente ao meio ambiente será capaz de elaborar propostas que venham a atingir grande parte da sociedade, visando provocar mudanças mais efetiva que contribuam para a sustentabilidade socioambiental.

5. REFERÊNCIAS

BOAS, Dinabel. A. C.; CARVALHO, Maria Eulina P. de. **Educação Ambiental: a reorganização do ambiente escolar como um caminho para a transformação das relações Ambientais.** Biblioteca SEBRAE on line, 2005, disponível em <http://www.biblioteca.sebrae.com.br>. Acesso em 10 de dezembro de 2008;

BORTOLOZZI, Arlêude; FILHO, Archimedes P. **Diagnóstico da Educação Ambiental no ensino de geografia.** *Cadernos de Pesquisa*, nº 109, p. 145-171, março/2000, disponível em <http://www.scielo.br>. Acesso em 25 de março de 2009;

CAMARGO, Luís Henrique R. de. **A ruptura do meio ambiente: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a geografia da complexidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005;

CECCON, Claudius et tal. **A vida na escola e a escola da vida**. 31 ed. Petrópolis: Vozes e IDAC, 1996;

CORIOLOANO, Luzia Neide M. T (org.). **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: EDUECE, 2003;

DANTAS, Tarcísio. **Sururu e Sutinga dão bons lucros em Socorro**. Jornal da Cidade, Aracaju, 11 de jan. 2009. Municípios, Notícias, disponível em <http://www.jornaldacidade.net>. Acesso em 10 de junho de 2009;

DENTZ, Claudir Von. **Educação Ambiental, epistemologia e problema dos fundamentos**. Athos - Revista Científica da Assevim. Ano II. Nº 002. Dez. 2006;

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**. 4. ed. São Paulo: Gaia, 1994;

FIORI, Andréia de. **A percepção ambiental como instrumento de apoio de programas de educação ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antonio, SP)**- São Carlos: UFSCar, 2007. 113 p. Tese (Doutorado)- Universidade de São Carlos, 2006;

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas escolas públicas: realidade e desafios**. (Monografia apresentada ao curso de Especialização “Planejamento para o Desenvolvimento sustentável”). 78 p. Paraná. UNIOESTE Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007;

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1983- (Coleção Educação e Mudança);

GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 6ed. São Paulo: Ática, 1995;

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) caminhos do Meio Ambiente**. 14. ed., 1ª reimp.- São Paulo: Contexto, 2008;

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1995- (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico);

LOUREIRO, Carlos Frederico B.- **Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental**. - São Paulo: Cortez, 2004;

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?: Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006;

PREFEITURA MUNICIPAL DE N. SR.^a DO SOCORRO. **Informações**. Agência de Notícias de Socorro, disponível em <http://www.ansocorro.com.br>. Acesso em 30 de junho de 2009;

REIGOTA, Marcos. . **Meio Ambiente e Representação Social**. 7 ed São Paulo: Cortez, 2004;

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 31, n.2, p. 317-322, maio/ago, 2005;

SEABRA, Giovani (org.). **Educação Ambiental**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009;

SOUZA, Rosemeri M. e. **Redes de monitoramento socioambiental e tramas da sustentabilidade**. São Paulo: Annablume; Geoplan, 2007;

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004;

PENIN, Sonia. **Cotidiano e escola: a obra em construção- O poder das práticas cotidianas na transformação da Escola- 2 ed.-** São Pulo: Cortez, 1995;

TALOMANI, Jandirea L B (org.); SAMPAIO, Aloísio Costa (org.). **Educação ambiental da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras, 2003;

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de OLIVEIRA, Livia de. –São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de OLIVEIRA, Livia de. – São Paulo/ Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

WALDMAN, Maurício. **Ecologia e lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.

6- ANEXOS

ANEXO 01- Ações desenvolvidas pela Prefeitura Municipal de N. Srª do Socorro a respeito da EA



Socorro te quero verde-Campanha de reflorestamento



Campanha da Prefeitura de N. Srª do Socorro sobre a coleta de lixo

ANEXO 02- Ação de EA “Praias e rios – vamos limpar e aprender a não sujar” e III Olimpíada Ambiental: protegendo as águas de Sergipe

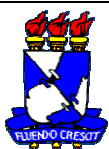


Ação de EA promovida pela Frente em Defesa das Águas de Sergipe, em parceria com a SEMARH



Ação de EA promovida pela SEMARH

ANEXO 03- Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



QUESTIONÁRIO (Aluno)

Este questionário tem como objetivo analisar as percepções de alunos e profissionais da Escola Estadual João Arlindo de Jesus (Taiçoca de Fora- Nossa Senhora do Socorro) sobre EA. Faz parte do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação Ambiental para Formação de Professores da Universidade Federal de Sergipe. Agradecemos à valiosa compreensão.

A-DADOS PESSOAIS

- 1) Idade: () menos de 12 () entre 13-15 () entre 16-18 () mais de 19
 2) Sexo: () masculino () feminino 3) Naturalidade:
 4) Série:
 5) Local de moradia:

B- PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

- 6) Para você o que é meio ambiente?

- 7) O que você entende por Educação Ambiental?

- 8) Algum professor já trabalhou a educação ambiental (EA)?

() Sim () Não Se sim, descreva como foi o trabalho.

- 9) Na sua escola os professores relacionam os conteúdos das disciplinas com a temática ambiental?

Sim Não Se sim, como?

10) Quais são os problemas ambientais mais graves da Taiçoca de Fora?

11) Você tem conhecimento de algumas atividades que prejudiquem o ambiente escolar?
Quais as atitudes que você tomaria para minimizá-los?

Sim. Quais? _____

Não

12) Você participa/participou de algum movimento social?

Sim Não Se sim, qual?

13) Você participa/participou na escola/comunidade de algum projeto que aborda/abordou a temática ambiental?

Sim Não Se sim, qual?

14) Quais os locais do povoado que mais lhe agrada?

15) Quais os locais do povoado que menos lhe agrada?

16) Quais destas metodologias você prefere para aprender sobre meio ambiente?

debates

trabalho de campo

aulas tradicionais

jogos

outros _____

Por quê? _____

17) Se você pudesse mudar alguma atitude pessoal em relação ao meio ambiente, o que mudaria?

ANEXO 04- Entrevistas



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



ENTREVISTA (Apoio pedagógico)

Esta entrevista tem como objetivo analisar as percepções de alunos e profissionais da Escola Estadual João Arlindo de Jesus (Taiçoca de Fora- Nossa Senhora do Socorro) sobre EA. Faz parte do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação Ambiental para Formação de Professores da Universidade Federal de Sergipe. Agradecemos à valiosa compreensão.

A-DADOS PESSOAIS

- 1) Idade: () menos de 18 () entre 19-35 () entre 36-50 () mais de 51
 2) Sexo: () masculino () feminino 3) Naturalidade:
 4) Escolaridade: () fundamental () médio () superior () pós-graduação
 5) Profissão e tempo de serviço:

B- PERFIL AMBIENTAL DA ESCOLA E DA COMUNIDADE LOCAL

6) Quantos professores lecionam na escola?

7) Qual a procedência dos alunos matriculados na escola?

8) Quanto a disposição dos pais dos alunos para participarem das propostas da escola, como o Sr(a) avaliaria?

9) O tema ambiental é uma preocupação presente tanto na escola quanto na comunidade local?

() Sim. Quais são os projetos desenvolvidos atualmente? _____

() Não. Por quê? _____

10) Os projetos fornecem elementos para a elaboração de diagnóstico da realidade local, bem como para a participação política dos discentes? Como?

11) Como é atuação dos alunos nos projetos?

12) Quais as principais dificuldades para a implementação dos projetos?

13) A escola trabalha com atividades diferenciadas: entrevistas, relatórios, histórias em quadrinho, excursões, visitas guiadas, trilhas interpretativas, produção de textos, produção de artes (desenhos, pinturas, gráficos, teatro)? Por quê?

14) A escola desenvolve algum projeto de Educação Ambiental formulado pela SEED? Quais os impactos provocados no ambiente?

15) As reflexões sobre o trabalho levaram a mudança no espaço escolar que trouxeram melhorias na qualidade de vida da comunidade escolar e local? Quais?

C- PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

16) Qual sua concepção de meio ambiente?

17) Para Sr (a) o que é Educação Ambiental?

18) O (a) Sr (a) desenvolve atividades de educação ambiental na sua escola?

() Sim () Não Se sim, pode descrevê-los?

19) Qual o papel da escola em relação a questão ambiental?

20) O (a) Sr (a) tem conhecimento de algumas atividades que prejudiquem o ambiente local?
 Sim. Quais? _____
 Não

21) Quais atitudes o (a) Sr (a) mudaria em relação ao meio ambiente?

22) O (a) Sr (a) acredita nas discussões acerca da questão ambiental realizada na escola?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS
COMUNITÁRIOS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM
EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES



ENTREVISTA (Professores)

Esta entrevista tem como objetivo analisar as percepções de alunos e profissionais da Escola Estadual João Arlindo de Jesus (Taiçoca de Fora- Nossa Senhora do Socorro) sobre EA. Faz parte do trabalho de conclusão do curso de Especialização em Educação Ambiental para Formação de Professores da Universidade Federal de Sergipe. Agradecemos à valiosa compreensão.

A-DADOS PESSOAIS

- 1) Idade: menos de 18 entre 19-35 entre 36-50 mais de 51
 2) Sexo: masculino feminino 3) Naturalidade:
 4) Escolaridade: fundamental médio superior pós-graduação
 5) Profissão e tempo de serviço:
 6) Local de moradia:

B- PERFIL AMBIENTAL DA ESCOLA E DA COMUNIDADE LOCAL

7) Qual a procedência dos alunos matriculados na escola?

8) Quanto a disposição dos pais dos alunos para participarem das propostas da escola, como o(a) Sr(a) avaliaria?

9) O tema ambiental é uma preocupação presente tanto na escola quanto na comunidade local?
 Sim. Quais são os projetos desenvolvidos atualmente? _____

() Não. Por quê _____

10) Há uma articulação dos temas de educação ambiental com os conteúdos programáticos da escola?

11) Os projetos fornecem elementos para a elaboração de diagnóstico da realidade local, bem como para a participação política dos discentes? Como?

12) Como é atuação dos alunos nos projetos?

13) Quais as principais dificuldades para a implementação dos projetos?

14) A escola desenvolve algum projeto de Educação Ambiental formulado pela SEED? Quais os impactos provocados no ambiente escolar?

15) A escola possui uma área verde ou espaços que poderão ser utilizados pela Educação Ambiental? Por quê?

C- PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA COMUNIDADE ESCOLAR

16) Qual sua concepção de meio ambiente?

17) Para o (a) Sr (a) o que é Educação Ambiental?

18) O (a) Sr (a) desenvolve atividades de educação ambiental na sua escola?

() Sim () Não Se sim, pode descrevê-las?
Se não, como poderia ser diferente?

19) Você poderia descrever como podemos implantar um programa de EA?

20) Qual o papel da escola em relação a questão ambiental?

21) O (a) Sr (a) tem conhecimento de algumas atividades que prejudiquem o ambiente escolar? Quais as atitudes que o (a) Sr (a) tomaria para minimizá-los?

() Sim. Quais? _____

() Não

22) Quais são os problemas ambientais do povoado Taiçoca de Fora?

23) O (a) Sr (a) acredita nas discussões acerca da questão ambiental realizada na escola?
